

de facto

8

Dedicado a Bartolo de Saxoferrato
Editor: Esdras Cabus Moreira

A utilização de estratégias de redução de danos para os problemas do uso de álcool é uma alternativa aos programas que têm como meta a abstinência. Muitos jovens que abusam do álcool não pensam em parar, mesmo apresentando um padrão de consumo que eleva os riscos para a saúde e para a sociedade. Neste e em outros casos, referentes a populações com perfil específico de utilização do álcool, intervenções preventivas e terapêuticas que visem o uso moderado desta substância podem reduzir conseqüências danosas como o sexo inseguro, a ocorrência de acidentes, de violência doméstica e de crime.

Nos indivíduos com dependência severa ao álcool, tais estratégias de redução do consumo são especialmente indicadas. Contudo, não há unanimidade em relação aos resultados. Muitos autores consideram raro a adoção de um controle maior da ingestão de álcool, nesta população.

Para um melhor entendimento deste assunto o *de facto* traz dois artigos. O primeiro aborda estratégias de redução de danos para o álcool, enquanto o segundo enfoca a evolução clínica dos problemas relacionados ao abuso e dependência da droga.

Resenha I:

As estratégias de redução de danos para o álcool diminuem o consumo e as conseqüências negativas do seu uso

Em artigo publicado no *Addictive Behaviors* (Harm reduction approaches to alcohol use: Health promotion, prevention, and treatment. *Addictive*

Behaviors 2002; 27(6): 867-86), Alan Marlatt analisa as estratégias de redução de danos para o alcoolismo. Tais abordagens oferecem intervenções mais pragmáticas, baseadas em três objetivos: (1) redução das conseqüências negativas do uso do álcool; (2) geração de abordagens alternativas aos tratamentos que visam apenas a abstinência, estabelecendo padrões de ingestão alcoólica compatíveis com as necessidades do indivíduo e (3) promoção do acesso a serviços alternativos para a prevenção e o tratamento.

A possibilidade dos indivíduos com dependência passarem a um padrão moderado de ingestão alcoólica começou a ser discutida há trinta anos. Observa-se, em alguns casos, um período de redução do consumo, antes da abstinência. Dados americanos mostram que mais de 20% dos alcoolistas tratados mantêm uso moderado de bebida, nos primeiros 12 meses após o tratamento.

O uso moderado de bebida alcoólica é definido como o consumo de dois ou menos drinques por dia, para o homem, e de um ou menos drinques por dia, para a mulher (um drinque é o equivalente a 120ml de vinho ou 300ml de cerveja). Beber moderadamente tem sido associado, por exemplo, a um menor risco de doenças cardiovasculares e disfunção cognitiva.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS) os problemas relacionados ao uso do álcool apresentam vários níveis de gravidade e especificidade. Desta forma, diferentes abordagens de prevenção e terapêuticas vêm surgindo,

por exemplo, para adolescentes, adultos jovens e para os serviços de atenção primária.

O autor descreve as experiências, visando o uso moderado do álcool, com grupos de auto-ajuda e de terapia de exposição (Moderation-oriented cue exposure) e terapias comportamentais (Behavioral self-control training). Segundo o estudo, com a ajuda destes programas, alguns indivíduos reduzem o consumo. Inclusive aqueles com dependência ao álcool grave. Refere-se, também, às intervenções farmacológicas para a redução do consumo do álcool, como o naltrexone e o acamprosato. E recomenda a utilização de antidepressivos e ansiolíticos para os indivíduos com co-morbidade psiquiátrica.

Resenha II:
**O abuso de álcool não leva,
inexoravelmente, à sua
dependência**

O último número da revista *Addiction*, de agosto de 2003, traz o artigo de George E. Vaillant (A 60-year follow-up of alcoholic men), no qual são apresentados os resultados do seguimento de 456 homens de uma vizinhança proletária de Boston, Estados Unidos, e de 268 estudantes da Universidade de Harvard de 1940 a 2000. O seguimento de 60 anos possibilitou a observação da evolução dos casos diagnosticados, em algum ponto deste período, como abuso ou dependência ao álcool.

Com base nos seus dados, o autor observa que o abuso de álcool só pode ser inexoravelmente progressivo nos estágios iniciais do consumo. Comparações com o uso de cigarro demonstram que alguns fumantes progridem para o uso de duas carteiras de cigarro, em poucos anos, e outros se

mantém em uma carteira ao dia, por décadas. Do mesmo modo, o estudo mostra que alguns indivíduos que abusam do álcool permanecem sem controle do seu consumo e sem nunca progredirem para comportamentos, tais como beber pela manhã, perder o emprego ou apresentar abstinência severa, característicos da dependência do álcool.

No entanto, aqueles com dependência severa ao álcool, segundo observação do autor, raramente voltam a ter o diagnóstico de abuso do álcool. Ou seja, seus achados não corroboram a idéia da possibilidade de uma redução do consumo como meta de tratamento para os bebedores mais severos.

A ausência de substitutos não-farmacológicos para o álcool, assim como a ausência de supervisão obrigatória do consumo, a falta de novos relacionamentos e de envolvimento em programas espirituais são elementos que dificultam a recuperação do alcoolista. A combinação destes elementos é encontrada nos Alcoólatras Anônimos (AA), fato que justifica a observação de uma frequência 20 vezes maior ao AA, naqueles indivíduos da amostra com maior tempo de abstinência.

Os homens em desvantagem social, com história familiar de alcoolismo e início precoce do uso apresentaram, segundo este estudo, uma frequência maior de abstinência quando comparados com aqueles que abusavam do álcool e pertenciam ao grupo com maior suporte social e início tardio do uso do álcool. Estes permaneceram com um padrão de abuso por longos períodos de suas vidas, sem alcançar a abstinência.

de Facto

Publicação do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas (CETAD/UFBA/PREVDROGAS)
Editor: Esdras Cabus Moreira
Assessoria de Comunicação: Carmen da Gama (MTb: 1.027). E-mail: esdrascabus@aol.com Tel: 3363322